



**UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA
DEPARTAMENTO DE TEORIA LITERÁRIA E LITERATURAS
CURSO: LETRAS PORTUGUÊS**

THAYLES MOURA DOS SANTOS

O LEITOR COMO PERSONAGEM DA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO*, DE ÍTALO CALVINO

Brasília

Dezembro de 2015

THAYLES MOURA DOS SANTOS

O LEITOR COMO PERSONAGEM DA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA EM *SE UM VIAJANTE NUMA NOITE DE INVERNO*, DE ÍTALO CALVINO

Monografia apresentada à Universidade de Brasília – como requisito parcial para obtenção do grau em Bacharelado em língua portuguesa e respectivas literaturas.

Orientadora: Professora Dra. Fabrícia Wallace Rodrigues.

Brasília

Dezembro de 2015

INTRODUÇÃO

A literatura dá forma a experiência vivida, constrói-a como tal e a antecipa. (KAFKA *apud*, Ricardo Piglia, O último leitor).

A obra *Se um Viajante Numa Noite de Inverno*, de Ítalo Calvino, mostra a partir da construção do romance as várias possibilidades de visão do leitor em uma obra literária. Este artigo demonstra o impacto dessa narrativa na compreensão do leitor-empírico e a construção da concepção de uma realidade literária, mostra também a influência do leitor na construção da narrativa. Como nas palavras de Piglia, na obra *O último leitor*: “Às vezes os leitores vivem em um mundo paralelo e as vezes imaginam que esse mundo entra na realidade”.

Para uma discussão crível sobre o leitor no mundo real e também na compreensão de um mundo ficcional, Umberto Eco defende que é necessário adotar o mundo real como plano de fundo para a compreensão do mundo ficcional. Ítalo Calvino, exemplifica esse plano de fundo do mundo real, a partir da imersão em seu romance que provoca uma dialética entre a realidade do leitor-empírico e a compreensão do mundo real na literatura. Cabe ao leitor identificar o traço púnico da obra no mundo ficcional.

O artigo contribui para a compreensão do leitor no emaranhado da construção ficcional, como o mundo real e ficcional se cruzam na compreensão da realidade humana, e como o leitor-personagem pode ser lido. Tendo como base além dos autores citados acima, para o desenvolvimento do artigo, temos também o embasamento teórico da obra *Seis Propostas Para o Próximo Milênio* Ítalo Calvino e outros teóricos como Luiz Costa Lima e Antonie Compagnon.

Seria ufania, porém, imaginar que tal artigo possa esgotar as diversas possibilidades de conclusão a respeito do leitor e sua compreensão de mundo. Apresentando o leitor como parte do imaginário da composição e demonstrando na obra a relação empírica com mundo ficcional, o leitor também é o plano de fundo da composição literária. O objetivo do artigo é mostrar como se dá o cruzamento da compreensão do mundo real e ficcional e como esse cruzamento influencia a experiência do leitor.

1 O LEITOR E O REFLEXO DA LEITURA NO MUNDO REAL E NO MUNDO FICCIONAL

O leitor tem a possibilidade de encontrar a arbitrariedade que existe na composição literária que pode não ter sido inserida de forma intencional pelo autor, ou que pode ter sido inserida de forma sutil, porém, com total consciência de quem a escreve, provocando um labirinto na composição do romance, desafiando o leitor a compreender as linhas que se entrecruzam. Na obra *Se Um Viajante Numa Noite de Inverno*, de Ítalo Calvino, que passaremos a chamar a partir de agora de SVNI, fica evidente que essas linhas se entrecruzam de forma intencional pelo narrador, que inicia vários romances dentro de um romance, deixando a possibilidade de uma compreensão crível para um leitor.

Diante disso, torna-se possível evocar a complexidade da compreensão de uma obra literária a partir da visão de um leitor-empírico, que Eco caracteriza como o leitor ideal do autor, leitor que está disposto a extrapolar o sensato e o razoável, que já possui uma memória particular da literatura. Por mais que o leitor-empírico seja extremamente cauteloso na escolha correspondente da significação de cada palavra, e esteja atento à musicalidade de cada frase, dando uma sonoridade à composição, o leitor pode perder fatos importantes que estavam nas entrelinhas da composição, como por exemplo as características culturais de um povo, de uma língua, a exemplificação da visão do autor que pode não corresponder à mesma do leitor-empírico, ou mesmo pode divergir do narrador, tendo em vista a individualidade de compreensão de cada um.

A leitura proporciona sensações que levam o leitor a uma experimentação que difere de outras experiências na realidade em que está inserido, pois nas mãos do leitor está um jogo encenado através do texto. Aparentemente não há autonomia de decisão no leitor, ele não pode jogar a bola dentro do jogo, sua ação está restrita à leitura. A experiência da leitura está pautada em um mundo imaginado, ou mesmo na competência em mostrar e ampliar sensações e experiências da realidade do leitor. Uma das propriedades da leitura é evidenciar um mundo de experimentação sem a responsabilidade da realidade habitual do mundo real. O leitor se envolve no simples prazer da leitura, pelo prazer da possível experiência no jogo. Para a compreensão da composição literária tomamos como plano de fundo o mundo real, um mundo já composto fora da narrativa ficcional. A compreensão desse mundo real é percebida na composição literária, as nuances do desenrolar de um romance saltam das linhas e entrelinhas da composição, porém, a obra não exemplifica o mundo de forma literal. O texto

abrange uma compreensão particular do real, uma realidade fictícia, uma verdade inventada, uma verdade real no mundo imaginário da literatura.

Você tem uma noite agitada, o sono é um fluxo intermitente e obstruído como a leitura do romance, com sonhos que lhe parecem ser a repetição de um sonho sempre igual. Você se debate com esses sonhos que, como a vida, não têm sentido nem forma, procurando descobrir-lhes o desígnio, o rumo que deve seguir, como quando você começa a ler um livro e ainda não sabe em que direção ele o levará.

(CALVINO, 1979 p. 34)

No desenvolvimento e compreensão da leitura de um romance, é necessária credibilidade naquilo que se lê. Na leitura existe a verdade da obra no seu aspecto ficcional para sua compreensão, ou como nas palavras de Eco o fato de tornar possível o mundo irreal (ECO, 1993 p. 81). A possibilidade de entender a verdade dentro de um mundo irreal está pautada no conceito que se tem de ficção, que cria um mundo irreal em comparação à realidade composta pela vida. Para uma materialidade da verdade ficcional na compreensão da obra, está implícita a ideia de que existe um mundo real fora da obra. A ideia de um mundo ficcional cria forma na existência do oposto. O imaginário da obra está diretamente ligado ao conceito que temos de realidade, ou à experiência humana de realidade. Calvino sintetiza bem esta noção ao afirmar que o romance a ser lido se sobrepõe um possível romance a ser vivido (CALVINO, 1979, p. 39). Assim; os mundos ficcionais se interpolam com o mundo real ou mesmo conforme Humberto Eco, os mundos ficcionais são parasitas do mundo real (ECO, 1993, p.89).

A literatura tem uma forma particular de recontar o mundo, e, em sua forma de recontar, espelha uma visão da compreensão autor, do artista, que mostram que é na experiência humana que é construída a arte. Ricardo Piglia reduz essa compreensão ao dizer que é na experiência da arte, que afirma a autonomia da ação humana. (PIGLIA, 2006, p. 75). O ser humano pode ser compreendido como uma composição de histórias, experiências e vivências, e a obra literária será composta pelo imaginário humano, o humano que pode mostrar através da arte sua compreensão de um mundo real. A leitura pode divertir, mas como um jogo também pode ser perigosa, pois o concreto se substitui ao abstrato.

Calvino, em SVNI, apresenta a complexidade de uma discussão teórica a respeito do papel do leitor em um romance. O enredamento está justamente em colocar a ideia de um possível leitor como protagonista do romance. A literatura dentro da sua liberdade sugere a experiência e a leitura do mundo real está inserida na experiência do leitor. Os

mundos se entrecruzam em sua compreensão de realidade pelo leitor que encena ser um leitor-empírico, e ao mesmo tempo ser o personagem principal do romance.

Classificaremos o personagem principal da obra SVNI com leitor-personagem, pois na obra este personagem é o que vive todas as experiências propostas pelo autor-empírico como uma experiência real dentro da narrativa. O leitor aceita por completo o acordo ficcional proposto a ele para a compreensão das leituras que surgem no decorrer do romance. No acordo ficcional não cabe ao leitor-personagem a escolha de classificar se algo é real ou não, pois este leitor-personagem faz parte do mundo ficcional. Ao leitor-empírico cabe a liberdade em aceitar esse acordo ficcional, esta experiência de aceitação de uma realidade paralela dentro da leitura é o que desencadeia no leitor diversas sensações e experiências pelo prazer estético da compreensão da obra.

O leitor-personagem é também objeto de leitura do leitor-empírico. A obra provoca um emaranhado ficcional que para o personagem é a realidade, pois a leitura do leitor-personagem é o próprio romance. Para o leitor-empírico o romance é constituído de verdades a partir do contrato ficcional. O romance gira em torno da imagem da construção de um leitor.

2. O LEITOR, A LEITORA E O AUTOR

Hoje vocês são cada um objeto de leitura do outro, cada um lê no outro sua história não escrita. Amanhã Leitor e Leitora, se estiverem juntos se deitarem-se na mesma cama como um casal estável, cada um de vocês acenderá o abajur em sua respectiva cabeceira e mergulhará em seu respectivo livro [...]. Vocês se encontrarão fugazmente no escuro, onde todas as distâncias se anulam, antes que os sonhos divergentes os arrastem outra vez cada um para um lado.

(CALVINO, 1979, p.160).

O leitor-personagem na obra de Calvino SVNI, e também a leitora que aparece no meio do romance, podem ser classificados como leitores-insone, como caracteriza Ricardo Piglia na obra *O último Leitor*, o leitor insone é um leitor desesperado para chegar ao final do romance de forma que consiga ter compreendido toda a obra, sem lhe dar ao luxo de perder tempo, estando imerso a todo momento na leitura, até o término da composição.

A leitora encena a compreensão da realidade do mundo ficcional a partir da sua experiência de uma leitura insone. Apesar da suposta compreensão do mundo ficcional a leitora encena uma perda da noção do equilíbrio com o mundo real. A leitora mostra apenas um dos possíveis mundos que existem na obra, por ser uma personagem do romance. A

leitora encena no romance a consciência de sua ilusão e também sugere um ideal de complemento de um romance ficcional para o leitor-empírico. Para o leitor-personagem, existe um emaranhado do acordo ficcional que lhe permite experimentar um romance além da leitura (o leitor-personagem, apesar de aceitar o acordo ficcional, não é consciente desse acordo) das outras composições que lê dentro do seu romance. O leitor-personagem vê na leitora um pouco de si, e uma possibilidade de um romance. O leitor-empírico vê um pouco de si na obra. E essa percepção encena a concretude das palavras de Proust que afirma a vida plenamente vivida é a literatura (COMPAGNON *apud.* Marcel Proust, *Em busca do tempo perdido*).

No parágrafo citado da obra de Calvino, a leitora que aparece no decorrer do romance não é a personagem principal, ela é a exemplificação na obra de uma leitora que não apenas consome os livros, mas está imersa neles. Na construção narrativa os vários inícios de romance que estão presentes na obra, são compostos, justamente pela idealização do autor-personagem em imaginar a realização da leitura por essa personagem leitora. Agora não é o leitor e sim a leitora um sujeito plural, um sujeito que sugere várias leituras, como também a possibilidade de vários leitores em uma só obra, que se identificam de alguma forma pela atração que pode ser sentida diversas vezes, de diversas formas, por um mesmo livro.

Uma das propriedades da literatura é exposta a partir das várias relações sugeridas pelo autor, a imaginação e a ação que constroem um saber dentro da ficção. Essa construção é adquirida a partir de um prazer singular da leitura e a expectativa da reação do outro a partir do domínio da ideia presente no texto.

O autor propõe um romance entre o leitor-personagem, e a leitora-insone, o que direciona o leitor-empírico a uma compreensão da leitura que o leva a preencher as lacunas presentes na composição. Partindo da concepção que no próprio romance não há apenas um mundo ficcional, mas diversos mundos ficcionais que se entrecruzam. Desse modo, o autor-empírico da obra exemplifica de maneira tangível um dos objetivos da literatura demonstrados por Eco: uma forma de encontrar um tumulto na experiência humana. (ECO, 1993, p. 93).

Existem várias configurações de leitor, o leitor viciado, o que não consegue deixar de ler, e o leitor insone, o que está sempre desperto, são representações extremas do que significa ler um texto, personificações narrativas da complexa presença do leitor na literatura. Eu os chamaria de leitores puros, para eles a leitura não é simplesmente uma prática, mas uma forma de vida.

(PIGLIA, 2006, p.21).

A partir do instrumento penetrante que é a língua, o leitor está desperto para dar prosseguimento a leitura do romance, ele está envolto em uma ilusão e tem consciência disso, porém, o autor-empírico idealiza um leitor que lhe compete construir para sua obra. É possível que autor em sua experiência de composição possa imaginar um leitor puro dentro do mundo ficcional, ou possa idealizar sua escrita como pura. A escrita pura seria a personificação da experiência humana na narrativa, sendo a escrita não apenas uma prática, mas uma forma de descrever a vida, o problema é que a escrita do mundo real anula sua realidade e cria outra, a realidade do texto e o texto deixa toda a liberdade para a experiência imaginária e talvez como compara Compagnon uma solidão prolongada da leitura (COMPAGNON, 2009, p.27).

O autor-empírico, mesmo diante de tantas possibilidades, não pode exemplificar com presteza a dimensão da materialidade de seus escritos quando composto. O texto ganha uma autonomia e leva consigo partes do autor. Conforme Calvino o autor se vê tentado a pôr neste “eu” um pouco de si próprio, um pouco daquilo que sente, ou imagina sentir” (CALVINO, 1979, p. 22). Desta forma, o leitor-empírico que tem a possibilidade de se confundir também com o autor se imagina como parte integrante em uma obra literária. Os relatos da ficção que lhe proporcionam experiências reais. A competência de uma certa autonomia que lhe permite construir seu próprio mundo, causa experiências que divergem a partir de uma perspectiva de vários possíveis modelos de leitores, oriundos de uma experiência característica de um mesmo campo, o chamado mundo real.

A outra maneira de construir o sentido, melhor dizendo. Habitualmente, o que o sujeito está deixando de lado é um aspecto do mundo, um mundo paralelo. E o ato de ler, de éter um livro, costuma articular essa passagem. A letra tem algo de mágico como se convocasse um mundo ou o anulasse.

(PIGLIA, 2006, p.37).

Como afirma Piglia a obra constrói em si um sentido e esse sentido provoca uma experiência convocando e anulando mundos, essa convocação e anulação de mundos está sujeita a compreensão de um possível leitor ao aspecto ficcional da obra a partir da imaginação, uma compreensão com um quê de mágica. Na obra de Ítalo Calvino *SVNI*, é desenvolvida essa concepção que convoca e anula mundos, pois a mesma não possui apenas

um mundo ficcional como já exemplificado no decorrer do texto, mas cada mundo ficcional que é escrito sugere outro mundo ficcional.

A possibilidade de uma compreensão está no paralelo dos mundos que se articulam, deixando a realidade como base para o devaneio entre esses mundos. O plano de fundo da obra é tangível por ser o real, porém, é possível que uma obra literária tenha como plano de fundo outra obra ficcional, anulando o primeiro e evidenciando o cruzamento de mundos.

No início da obra de Calvino, o viajante perde a baldeação (SVNI p.23), o leitor-empírico acredita que esse episódio faz parte do início da composição de apenas um romance, acredita que nessa narrativa dá-se a evidência de pelo menos um mundo ficcional. Porém a perda desse trem dá início a uma construção onde o leitor-empírico estará sujeito a construção de uma rede de signos, que apesar de se entrecruzarem de maneira complexa, ainda assim, proporcionam um romance crível, o indeterminado da composição é uma das causas que podem gerar uma expectativa na composição impulsionando releituras de uma mesma obra, ou mesmo provocar um acompanhamento aflito do leitor.

O leitor-empírico que busca as arbitrariedades da obra que podem estar nas possibilidades de construções de mundos ficcionais que a história do romance pode desenvolver. Um personagem na estação a espera de um trem, o viajante perde a baldeação, e nessa ação demonstra a necessidade de que o leitor-empírico aceite logo o acordo ficcional para a compreensão da obra. O autor-empírico deixará algumas marcas da forma como constrói o texto. O leitor-personagem se interessara pela leitora, esse interesse foi sugerido pelo autor e a consciência do leitor caminha na construção ficcional com esse direcionamento, pois para o leitor há uma possibilidade de desejar um romance.

Conforme a experiência do leitor-empírico, constrói-se uma expectativa da narrativa, também gera uma expectativa da realidade, ou conforme diria Piglia A literatura dá forma à experiência vivida, constrói-a como tal e a antecipa”. (PLIGLIA, 2006, p.50). O leitor-empírico, como tendo aceito o acordo ficcional, percebe o desenvolvimento da construção do leitor-personagem que encena também um leitor-empírico dentro do romance. O viajante, personagem que no decorrer da obra se tornará o leitor-personagem, viaja nos caminhos do mundo ficcional na obra. O viajante passeia pelas possibilidades de várias composições narrativas, sendo sua própria composição o desenrolar da história.

3. O LEITOR NO UNIVERSO DAS POSSIBILIDADES DA COMPOSIÇÃO LITERÁRIA

Em SVNI, um dos devaneios sugeridos é um leitor como personagem principal. A narrativa é composta por vários inícios de romance, cada atitude, em cada página direciona a um clímax, uma história que é composta por várias histórias. O próprio da literatura é a construção de relações e crenças que são desenvolvidas no texto. É necessária a percepção da história além da compreensão que se tem a partir de uma leitura superficial e descompromissada.

Nos mitos antigos, a finalização das narrativas estava em entregar o destino ou não do personagem a um fim ilusório que para o personagem fosse real, e tornaria real também para o leitor-empírico, como experiência ou mesmo como uma lição moral. Dentro dos vários inícios de romances temos: amor, conflito, mistério, erotismo, entre outras características literárias que classificam uma composição. O leitor-personagem, nunca lê o final de nenhum romance, apesar de sua busca incansável por eles. O autor-empírico sugere ao leitor-empírico que o leitor-personagem além do mundo ficcional da obra esteja também no mundo ficcional de cada romance que se inicia. O possível leitor também anseia pela conclusão do romance a partir do prazer e ao mesmo tempo o incomodo que lhe gera imaginar não ter a possibilidade de um fim. O leitor-empírico, algumas vezes, pode aproximar a literatura com a concepção de um mito ao imaginar uma lição na conclusão de sua leitura.

O mundo está reduzido a uma folha de papel na qual ninguém consegue escrever mais que palavras abstratas, como se todos os substantivos concretos tivessem desaparecido. (CALVINO, 1979, p. 255).

O leitor-empírico no ato de leitura se vê inserido em várias possibilidades de composição, várias possibilidades da criação de uma obra literária e ainda como parte da narrativa. O leitor encontra no mundo ficcional a experiência estética que tece sua concepção de mundo real. O leitor-empírico tem sensações reais, que são provocadas fora da materialidade deste mundo, dos mundos que se cruzam e influenciam um ao outro. As lembranças provocadas pela leitura se entrecruzam na linha de raciocínio do leitor-empírico provocando uma experiência, a experiência atrai o leitor, e o leitor começa a fazer previsões de sua leitura e das possibilidades da composição.

“ O processo de fazer previsões constitui um aspecto emocional necessário da leitura que coloca em jogo esperanças e medos” (ECO, 1993, p. 58). Umberto Eco, sintetiza a experiência de leitura que evidencia um medo real. A experiência humana é cheia de possibilidades e sua leitura pode influenciar de forma real, pois, é possível levar o leitor a

experimentalizar as possíveis previsões do texto, com base em seu aspecto emocional. O leitor-personagem e o leitor idealizado pelo autor na obra se entrecruzam na experiência do leitor-empírico.

As características particulares evidenciam a obra como plano de fundo gerando materialidade a narrativa. O leitor-empírico encontra características que refletem a sua personalidade, seus pensamentos, ou encontra os seus não pensamentos que lhe dão a impressão de um reflexo oposto, talvez mostrando um lado antes não percebido de sua própria consciência humana.

Depois à noite (passo minhas noites aqui após o horário de trabalho; ambiente é tranquilo, relaxante, como o senhor pode confirmar), deito-me nesse divã, introduzo no projetor microfilmes a película de um escrito raro, de um dossiê secreto, e me concedo o luxo de degusta-lo, para meu exclusivo prazer (Calvino, 1979, p.241).

No ato da leitura o leitor-empírico mergulha nas páginas e sente-se parte delas, o que alcança seus olhos são exatamente as páginas, não tendo uma percepção do seu corpo no campo de visão, uma imersão total. Na obra analisada o leitor foi imerso na leitura ao ponto de o romance ser sobre ele, o leitor. O leitor está imerso em vários mundos, nesses mundos ficcionais o leitor sente o prazer do personagem e toma para si esse prazer, entrecruzam-se o devaneio de cotidiano e o devaneio da fantasia ficcional.

Freud diversas vezes descrevera o prazer estético pelo relacionamento do prazer no outro como para si. O paradigma com que Freud descreve a necessidade antropológica do herói, tanto nos devaneios cotidianos, quanto na literatura, explica o prazer estético da identificação pela função de alívio e proteção da distância estética e, ao mesmo tempo, por um interesse mais profundo pela atividade da fantasia.

(LIMA, 1979)

O autor na obra SVNI, encena uma experiência estética no leitor-empírico. O leitor busca um desfecho no mundo ficcional que possa gerar a conclusão do devaneio na realidade do leitor. O leitor-empírico se confunde como personagem da narrativa provocando o prazer da fantasia em ler uma obra em que se imagina como personagem principal da história, como o reflexo de sua experiência humana que sugere um protagonismo na compreensão e vivência

de um mundo real. A literalidade da narrativa encena na composição de arbitrariedades a forma como é compreendido o mundo exterior a essa narrativa.

O controle do tempo que existe na obra ficcional, salienta a completude de sua composição. Essa completude proporciona a percepção de características que se diferem na percepção do tempo de um mundo real. Talvez o leitor busque uma conclusão de si mesmo, mas como não pode definir o seu tempo no mundo real, sua análise de tempo será feita com base em uma composição narrativa. A obra tem seu tempo definido ao término das páginas, mas o leitor está em composição feita por várias leituras das quais não pode definir com presteza suas consequências no tempo.

A literatura pode ser compreendida como espelho do mundo real. O autor pode sugerir a ilusão de uma possível decisão do leitor-empírico, como é tangível no texto: “Leitor, você decidiu: Vai ao encontro do escritor” (CALVINO, 1979, p.164). A ideia de espelho mostra características difusas da realidade, uma decisão tomada pelo leitor, que de fato não decidiu nada, essa suposta decisão mostra a coexistência de uma verdade ficcional, pois o reflexo do espelho é feito a partir de uma realidade, onde o leitor pode supostamente tomar decisões reais, como fechar o livro. A imagem do reflexo é apenas observada, como uma leitura.

Calvino na obra *Seis Propostas Para o Próximo Milênio* apresenta a importância da literalidade da narrativa e como a experiência exterior a essa narrativa não deve influenciar em sua compreensão. “A lição que se pode tirar do mito, reside na literalidade da narrativa, não nos acréscimos que lhe impomos no exterior”. (CALVINO, 1994). Porém, a possibilidade do leitor a impor acréscimos a partir de sua concepção de mundo é totalmente possível, pois, por mais que uma composição narrativa sugira chegar a última página, ela irá direcionar caminhos para novas jornadas. A literalidade da composição que sugere o devaneio e reflexão sobre a obra. Há uma relação implícita entre o leitor-protagonista em *Se Um Viajante Numa Noite de Inverno* e o leitor-empírico frente as imagens abertas pela composição. Nos tempos antigos, o mito, por exemplo, queria ou deveria passar alguns ensinamentos, como falamos anteriormente, assim a literatura pode também na contemporaneidade sugerir a intencionalidade de transmitir algo do mundo ficcional que possa servir como um espelho do mundo real, ainda que seja uma imagem difusa.

4 A CONDIÇÃO HUMANA NO UNIVERSO FICCIONAL E OS VALORES DO MUNDO REAL

Para ler bem, é preciso registrar tanto o efeito “burburinho” quanto o efeito “intenção secreta”, que você (assim como eu) ainda não tem condições de captar. Então é necessário que, durante a leitura, você se mantenha simultaneamente distraído e alerta, tanto quanto eu estou absorto, assim, como os ouvidos atentos [...] E, se agora o romance vai deixando para trás sua brumosa imprecisão e começa a fornecer detalhes do aspecto das pessoas, a sensação que ele quer transmitir a você é das fisionomias que são vistas pela primeira vez, mas que também parecem ter sido vistas já outras milhares de vezes[...]As lembranças dos outros flutuam qual fumaça sobre as lâmpadas”

(CALVINO, 1979, p. 26)

É uma tarefa complicada discorrer sobre o leitor, o autor ou qualquer parte fundamental para uma composição literária, sem evidenciar sua condição humana, pois por mais que sejam personagens complexos e divergentes, como por exemplo, no decorrer da narrativa um ser monstruoso com pelos, olhos inchados que possua um nome enigmático escolhido pelo autor, ou mesmo que a narrativa tome um rumo diferente e fale sobre seres classificando-os como alienígenas em sua fantasia, ainda assim a composição do personagem, irá refletir características humanas, pois o plano de fundo da narrativa permanece o real, ou seja a própria experiência de vida irá se evidenciar na obra. Calvino relata essa experiência como uma constatação amarga do inelutável peso de viver” (CALVINO, 1990 p.19). Porém, o universo da narrativa, não é mais aquele do viver, mas um texto que gera sensações e experiências estéticas no leitor.

- Refleti sobre minha última conversa com aquele Leitor. Talvez a intensidade de sua leitura seja tamanha que ele já no início aspira toda a substância do romance, de modo que não sobra nada para o resto. Comigo isso acontece escrevendo: faz algum tempo todo romance que me coloco a escrever se esgota pouco depois do início, como se ali eu já houvesse dito tudo o que tinha para dizer. Veio-me a ideia de escrever um romance feito só de começos de romances. O protagonista podia ser um leitor que é continuamente interrompido. O leitor adquire o novo romance A do autor Z. Mas é um exemplar defeituoso, e ele não consegue ir além do início... O leitor volta a livreria para trocar o volume ...Poderia escrevê-lo todo na segunda pessoa: Você leitor poderia também incluir uma leitora, um tradutor falsário, um velho escritor que mantém um diário similar a este. (Grifo nosso). Mas não gostaria que a leitora, para escapar do falsário, terminasse nos braços do leitor. Farei de modo que o Leitor saia na pista do falsário, o qual se esconde em algum país muito distante, de modo que o

escritor possa ficar sozinho com a leitora. Claro, sem uma personagem feminina a viagem do leitor perderia a animação: é preciso que encontre alguma outra mulher em seu percurso. A leitora poderia ter uma irmã.

(CALVINO, 1979, p. 202).

Nessa passagem Calvino relata o universo do mundo ficcional onde o narrador se confunde de forma intencional com o autor, o leitor-personagem, que exerce influência sobre a construção da narrativa, a leitora que entra como personagem e como ideal de desfecho para um romance a partir do mundo real, e o leitor-empírico que percebe a explicação da obra que está em suas mãos. As possibilidades da criação de um romance em *Se Um Viajante Numa Noite De Inverno*, fazem o leitor refletir sobre as várias composições que fazem parte de apenas uma, tentando sempre encontrar o final da história, ou mesmo imaginar a possibilidade de fazer parte da escolha da composição e direcionar o final do romance. O objetivo da leitura seria necessariamente o fim do romance?

O leitor aceitou a compreensão da verdade da ficção na obra, e isso lhe sugere várias possíveis sensações de estar no jogo do texto. O autor fala sobre a forma como compôs a obra dentro dela. O leitor-protagonista lê seus inícios de romance, enquanto discorre seu próprio romance, o leitor-empírico compreende um pouco do emaranhado da composição sentindo-se parte do que a compõe, e mostra a sua necessidade de fazer parte de algo, de elucidar sua presença no mundo.

Na obra há diversas leituras que sintetizam a percepção do leitor, pois sua concepção de real também é feita das várias leituras que fazem parte de uma construção crítica e experiências. Calvino na obra *Seis Propostas Para o Próximo Milênio* sugere a tentativa da possibilidade fazer uma leitura de uma literatura futura a partir do conhecimento de obras literárias anteriores e os rumos que a escrita pode tomar a partir da Leveza, Rapidez, Exatidão, Visibilidade, Multiplicidade, Calvino descreva cada ponto em ensaios. Essa proposta fica clara no romance *SVNI*, pois, o leitor-empírico é provocado a fazer previsões que sofrerá seu personagem a partir da leitura do início de vários romances, e as formas divergentes com que os mesmos são construídos. Existe uma provocação a essa experiência de construção futura de forma empírica.

Logo me dei conta que os fatos da vida que deveriam ser minha matéria-prima, e um estilo que eu desejava ágil, impetuoso, cortante, havia uma diferença que eu tinha cada vez mais dificuldade em superar. Talvez que só então tivesse

descobrir o pesadume, a inércia, a opacidade do mundo – qualidades que se aderem logo a escrita, quando não encontramos um meio de fugir a elas.

(CALVINO, 1990, p. 16)

Conhecer a composição humana é como um autodescobrimento. A obra possui características, como uma certa personalidade. O mundo real como plano de fundo de um mundo ficcional, coloca em evidência a complexidade em aceitar o real, sem ter as emoções completas que existem na ficção. O autor supõe o desejo do ser humano pela fantasia na composição justamente para distanciar-se do real, ou mesmo compor o real como um romance.

Há também valores morais na composição, o leitor-protagonista em *SVNI* está a par de valores morais, tendo em vista seu aspecto ficcional. Há valores transmitidos através da obra que refletem a vida.

Para demonstrar a experiência do leitor-empírico na análise do romance a partir de sua moral, por exemplo, é necessária a compreensão de que cada indivíduo tem uma visão e várias memórias e discursos que o compõem como indivíduo. Logo, é transmitido um conceito de gosto, e uma moral para julgar, a qual pode estar em acordo ou desacordo com outros indivíduos. O fator relevante é o que é sentido pelo leitor em relação a cada obra que se compõe dentro da obra *SVNI*.

Na obra literária, é possível encenar um olhar de leitura da própria composição como tendo sua própria moral, e também a moral do leitor-protagonista da história. O diálogo de gosto gera contrapontos na análise da construção do pensamento a respeito da obra, o autor-empírico gera uma possível conversa com leitor-empírico do romance.

Não é possível que um indivíduo seja o detentor absoluto da moral presente no romance. Tendo a verdade ficcional como relativa, é possível o lançamento de vários olhares para um mesmo objeto, para que se possa analisar um conceito de moral e a relevância sentimento do que emite o leitor como parte da composição da obra. O autor relata vários olhares, a partir da experiência do leitor, experiência da escrita, o reflexo da composição da própria vida.

Como fazer para derrotar não os autores, mas a função do autor, a ideia de que atrás de cada livro há alguém que garante a verdade daquele mundo de fantasmas e ficções pelo simples fato de nele ter investido sua própria verdade, de ter se identificado com essa construção de palavras? (Calvino, 1979, p.163).

Quando o leitor-empírico lê o romance, ele busca alguma forma de regularidade, pois essa é a condição humana. Porém, quando existem várias composições dentro de uma mesma obra, a análise do romance intriga o leitor, é possível notar um objeto autônomo de valores e direito mesmo na existência de realidades singulares, a realidade do leitor-empírico e a do romance. Entraremos em um momento de tensão, que é exemplificado pelo conceito do leitor como indivíduo que pode direcionar o romance a partir do ideal do autor-empírico.

Kant afirma que para que o homem viva em sociedade é necessário, normas, regras, para uma organização, porém a obra literária não precisa seguir essas regras, já que a mesma não é presa a sociedade, ou não precisa necessariamente conviver nela. O romance não está à procura de impor uma moral estabelecida, pelo contrário em sua liberdade ele desconstrói o conceito comum de moral, ou mesmo evidencia o que o senso comum não irá permitir ver, ou o indivíduo não terá a coragem de representar. Uma forma de contar história diferente, ou de contar várias histórias, sem contar nenhuma de fato até o fim.

CONCLUSÃO

O ato de criar é logo também uma maneira de romper, o livro é a viagem não paga é a recordação que se faz em um mesmo lugar. Quando existe a criação de uma obra, como a analisada, há também um rompimento da vida cotidiana, o rompimento do coito diário humano. Sua realidade está diretamente ligada ao transcurso do tempo e espaço, pois o conceito do sujeito modifica-se com o passar do tempo e também com o local onde ele vive, ou transita.

A multiplicidade do olhar do leitor a partir de sua particularidade (memórias e discursos) e a contemplação de várias obras que foram lidas no decorrer de sua experiência literária geram questionamentos a respeito do romance e também o questionamento do outro a respeito da mesma obra.

A criação literária é também motivada pelo inesperado, pelo questionável, tecendo de forma que o romance possa transmitir uma sensibilidade de atração do leitor, mesmo que o romance esteja justamente questionando a moral do próprio leitor. O leitor também atrai o romance pois ele será composto pelo ou através do leitor. O romance precisa ser crível. A obra de arte é um reflexo difuso da realidade, ou a realidade é um reflexo difuso da obra, onde os dois possuem uma intencionalidade e uma moral para a sua composição, causando também um julgamento sensível, o poder de seduzir, a atração do romance. O romance provoca a sensação que se parece a vida, ou mesmo faz parecer que a vida seja como um romance.

A liberdade poética em uma composição evidencia a liberdade humana que vai de encontro a não liberdade pela falta de conhecimento do mundo em sua completude. Na obra

SVNI é desenvolvida a ideia de busca pelo fim da leitura de um romance, e cada princípio de romance gera também possibilidade de fim que o leitor-protagonista imagina encontrar. Os novos começos mostram a composição como um experimento, que paralelamente reflete a realidade humana, que é cheia de começos, fases, recomeços e finais. Cada ser humano é um conjunto de composições de uma história inacabada, pois enquanto há vida, não é possível saber o fim da história que seria evidenciada através da morte, porém a literatura por ser justamente o reflexo difuso do mundo real contesta essa afirmativa, por ter em suas memórias um defunto autor, por exemplo.

A composição narrativa proporciona uma ilusória sensação da possibilidade de conhecimento de uma totalidade. No livro analisado o viajante que é também o leitor faz uma análise de cada obra que lhe é apresentada e mostra a expectativa da consequência de cada atitude tomada que irão proporcionar a sequência da vida no romance.

Leitor, você reencontrou o livro que procurava; agora poderá retomar o fio interrompido; o sorriso volta a seus lábios. Mas acredita que possa continuar assim essa história? Não, não a do romance – a sua! Até quando você se deixara arrastar passivamente pelos acontecimentos? Você entrará em cena com um grande desejo de aventura – e depois? Seu papel logo se reduziu ao de alguém que registra situações decididas por terceiros, que sofre arbitrariedades, que está envolvido em eventos que fogem a seu controle. Então de que serve seu papel de protagonista? Se continua aceitando este jogo, isso significa que também você é cúmplice da mistificação geral. (CALVINO, 1979, p. 222).

O leitor-empírico é a peça chave para a interpretação do jogo da leitura, assim talvez um leitor admirável seja não o que se confunde com o personagem, mas sim o que se confunde com o autor, como relata Ricardo Piglia na obra *O Último Leitor*. Mas, de alguma forma o leitor se apropria da obra, se confundindo com alguma parte dela, fazendo com que a obra seja plano de fundo de sua expectativa de realidade. O leitor-empírico pousa sua liberdade de leitura na compreensão de um livro e sente-se parte do livro ao narrar sua história, e em meio a tantas histórias também tem a liberdade de narrar a sua história como leitor, ou como indivíduo, talvez como leitor-personagem da composição da vida. O problema da visão da vida como um romance é que o romance literário tem uma página de início e outra de fim. A vida do leitor não, por mais que ela tenha início e fim, não é possível ao leitor saber as consequências da interpretação de sua própria história, pois se o leitor ainda está vivo a obra da vida está inacabada, não foi composta a última página, e se a última página for composta o leitor já não terá mais consciência do seu romance.

REFERÊNCIAS

CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Schwarcz, 1990.

CALVINO, I. *Se um viajante numa noite de inverno*. São Paulo: Companhia das letras, 1990.

COMPAGNON, A. *Literatura para quê?* Minas Gerais: Editora UFMG, 2009.

ECO, U. *Seis Passeios pelo bosque da ficção*. 1993.

LIMA, L. *A Literatura e o Leitor: Textos de estética da recepção*. São Paulo: Paz e Terra, 1979.

PIGLIA, R. *O último leitor*. São Paulo: Companhia das Letras, 2006

KANT, I. *Crítica da faculdade do juízo*. Trad. ROHDEN, V.; MARQUES, A. Forense Universitária.

KUNDERA, M. *A arte do romance*. São Paulo: Companhia das Letras, 2009.